

# Perspectiva surda no ensino de português para surdos

Bruno Gonçalves Carneiro (UFT)<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é identificar aspectos na organização de um curso de português para surdos que o caracterize dentro de uma perspectiva surda. Baseamo-nos na especificidade de ensino de português para surdos (KARNOPP; PEREIRA, 2012, KARNOPP, 2012, LACERDA; LODI, 2009) e nas marcas culturais na produção escrita em língua portuguesa por surdos (RIBEIRO, 2012, CARNEIRO; NUNES, em elaboração). A presença de professor surdo, a libras como língua de instrução, turma composta de alunos surdos, interação direta entre alunos e alunos-professores, conteúdo programático que contemplam aspectos da cultura surda, consideração da relação de segunda língua que os surdos tem com o português (e não de dificuldade), valorização da forma surda de se expressar em português (sem hierarquizar com a escrita ouvinte) são fatores que acreditamos ter proporcionado uma perspectiva surda no andamento das atividades. Assim, na perspectiva surda, não há compensações para o surdo. Há respeito às diferenças. O direito de ser surdo perpassa pelo direito de ser pleno em significar o mundo, na sua diferença.

**Palavras-chave:** segunda língua, ensino de português, especificidade, perspectiva surda.

## 1 Introdução

A comunidade surda brasileira tem vivenciado conquistas importantes na legislação federal e na implantação/ implementação de políticas públicas, cuja regência e ações caminham rumo à possibilidade de os surdos exercerem sua cidadania em sua língua de sinais, cultura e identidade<sup>2</sup>. O direito de ser surdo perpassa pelo direito de ser pleno em significar o mundo, na sua diferença.

A diferença surda, então, passa a ser encarada como uma maneira legítima de estabelecer relações sociais. Não menos, apenas diferente, assim como qualquer outra diferença humana. Essa perspectiva surda ganha empoderamento em diversas práticas, clamando por participação social, de forma a garantir produção de saberem e usufruto de produtos e serviços, sempre a partir dessa maneira de se posicionar.

A suposta dificuldade encontrada pelos surdos no processo de ensino e aprendizagem de leitura e escrita em língua portuguesa, passa agora a ser vista dentro de um fenômeno que contempla uma série de especificidades, considerando o alunato surdo como um grupo social com suas marcas culturais.

Uma abordagem intercultural no ensino de línguas implica em fomentar também o aprendizado de aspectos culturais de outra comunidade de fala. Nesse processo, língua e cultura são indissociáveis e os alunos são consuzidos a perceber outras formas de se posicionar no mundo. Assim, existem negociações entre o similar e o distinto, entre aquilo que é lhes é próximo e distante, de forma que os alunos partam de sua perspectiva para adentrar em pontos de vista alheios, reconhecendo sua própria identidade cultural (CASAL, 1999).

Objetivo deste trabalho é identificar aspectos na organização de um curso de português para surdos que o caracterize dentro de uma perspectiva surda em produzir conhecimento. Baseamo-nos na especificidade de ensino de português para surdos (KARNOPP; PEREIRA, 2012, KARNOPP, 2012, LACERDA; LODI, 2009) e nas marcas culturais na produção escrita em língua portuguesa por surdos (RIBEIRO, 2012, CARNEIRO; NUNES, em elaboração).

---

<sup>1</sup> brunocarneiro@mail.uft.edu.br

<sup>2</sup> De acordo com Perlin (2005), as identidades são plurais, diversas, inclusive as identidades surdas. O mesmo se estende às manifestações culturais.

## 2 Por uma perspectiva surdo no ensino de português

Ser surdo é ser pleno, funcional, independente, a partir de sua língua, cultura e identidade. A comunidade surda se define como a diferença, longe da idéia de ser deficiente. Essa diferença diz respeito ao modo como o surdo se posiciona nas artes, na política, na religião, na educação, ou seja, uma forma de se posicionar no mundo (PERLIN, 2003, PERLIN; REIS, 2012).

O ato de ser surdo é fascinante, uma fascinante forma de ser. Como dizer da sensação de completude que experimentamos como o uso da língua de sinais, com a proximidade de nossas identidades, a abertura de nossa cultura, a cativante atração que temos pela nossa diferença, o uso constante da leitura, o ser leitores por experiência? (...) Ser surdo, então, é pulsar, questionar, pensar, escolher, sempre no paradigma da nossa diferença (PERLIN, 2012, v).

De acordo com Perlin (2008), Perlin e Reis (2012), ser surdo é significar o mundo a partir da diferença surda, da língua de sinais, pelas lentes visuais da cultura e identidade surda. A cultura surda, ainda de acordo com as autoras, perpassa pelas línguas de sinais, pelas relações sociais estabelecidas por esse jeito surdo.

No contexto brasileiro<sup>3</sup>, os surdos são usuários da libras e do português, considerando as ações e interações necessárias para desempenharmos nossas atividades de vida diária. Dessa forma, a língua portuguesa, mesmo sendo uma língua de modalidade oral-auditiva, é também uma língua do surdo; uma segunda língua, numa outra modalidade. O surdo não tem dificuldade em língua portuguesa. A forma como o surdo se relaciona e se manifesta em português é uma maneira legítima de comunicação e expressão, com suas marcas culturais.

Ribeiro (2012) coloca que com as novas formas de conceber o ser surdo na pós-modernidade, surgem novas formas de compreender o surdo e suas relações linguísticas. A autora defende a existência de um padrão surdo em português escrito. A escrita do surdo apresenta características específicas, a partir de suas marcas linguístico-culturais que permite classificar esse fenômeno como uma variante. Isso consiste em conceber a escrita do surdo longe da idéia de erro, incapacidade e insuficiência.

Ainda de acordo com a autora, a emergência de uma forma surda de expressão em português escrito se justifica por ser um fenômeno universal; ter características sistemáticas e passíveis de serem regularizadas, ou seja, é possível identificarmos os principais padrões de uso. Essas formas certamente derivam da libras; determinam e especificam os surdos enquanto grupo sociolinguístico, caracterizando o socioleto próprio aos surdos brasileiros. Ribeiro (2012) sugere que a compreensão da escrita dos surdos deve ocorrer do plano de conteúdo para o plano de expressão, privilegiando mais o que está sendo dito ao invés da forma como é dito. Nesse sentido, Carneiro e Nunes (em elaboração) também discutem a emergência de uma norma surda em relação ao português escrito. A legislação federal prevê a correção diferenciada de textos produzidos por surdos, em contextos de certames e verificação de conhecimento, o que não significa atenuar exigências. Essas práticas já vem acontecendo em várias escolas e universidades brasileiras e certamente legitimam ainda mais a comunidade surda enquanto grupo linguístico que também significa o mundo através do português.

A partir do reconhecimento legal da libras enquanto língua nacional, e do reconhecimento da diferença surda, como uma diferença legítima na forma de significar o mundo, surge então, o jeito surdo produzir e promover conhecimento.

Na pedagogia surda o ato de ensinar envolve situar o aluno na sua cultura, elevar seu sentimento de pertencimento. Quando um pedagogo(a) Surdo(a) entra em cena o aluno se sente em território conhecido, o que não quer dizer que nos fechamos

<sup>3</sup> Somos cientes de que o Brasil é um país plurilíngue, inclusive com outras línguas de sinais e variações linguísticas da libras, conforme discutido por Leite e Quadros (2014). Além disso, numa perspectiva de globalização, o sujeito tende a intercambiar produtos e serviços utilizando-se de línguas estrangeiras.

num mundo à parte, pelo contrário, nos encontramos dentro da história. Vemo-nos dentro dos principais acontecimentos mundiais, participamos da revolução industrial, da revolução francesa, das artes rupestres, acompanhamos a crise de 1929, a revolução tecnológica, estamos dentro da globalização tecnológica, torcemos pela bolsa de valores, fazemos políticas, estamos por toda parte. Não é preciso fugir aos conteúdos curriculares, mas é preciso situar o surdo nestes conteúdos. [...].Cada vez mais a língua de sinais vem se destacando como a língua mediadora de acesso ao conhecimento e inclusive como língua base no aprendizado da língua portuguesa (SILVA, 2008, p. 37).

Segundo Karnopp e Pereira (2012), as crianças surdas de famílias ouvintes chegam às escolas defasadas em relação ao conhecimento de mundo necessário para atribuir sentido à leitura e escrita. Pelo fato das famílias ouvintes privilegiarem a fala oral na interação com seus filhos surdos e pelo pouco acesso às conversas que ocorrem em casa, as crianças surdas são pouco estimuladas a nível de linguagem. Assim, não constroem uma língua sólida para que possam se basear na atividade de leitura e escrita. Esses fatores, atrelado à concepção da escrita apenas como transcrição gráfica de unidades sonoras, longe de concebê-la como um objeto cultural atrelada a práticas sociais, faz com que as o ensino de leitura e escrita, ainda hoje, esteja vinculado a treinamento auditivo e de fala. Sem uma língua constituída, a maioria das crianças surdas ainda são submetidas a um processo de alfabetização por meio do ensino de vocábulos combinados em frases descontextualizadas.

Ainda de acordo com as autoras, a língua de sinais é um sistema completo, complexo e legítimo. Preenche as mesmas funções que a língua falada tem para os ouvintes. Por isso deve assumir seu papel enquanto fundamental e indispensável na aquisição da leitura e escrita. A aprendizagem é um processo dinâmico e ativo, em que os alunos devem ser estimulados ao uso da língua em diferentes contextos, permitindo a constituição de conhecimento de mundo. Assim os alunos surdos desenvolverão estratégias para compreensão do funcionamento do português escrito. Mas, devem ser trabalhados com textos, e não com vocabulários isolados.

É muito comum, dentro do paradigma da relação de dificuldade que o surdo tem com a língua portuguesa, atenuar a complexidade de ensino, adaptando textos originais ou fornecendo textos infantilizados, inadequados aos interesses e à idade dos alunos. Muitos professores não estimulam os alunos surdos a lerem livros (KARNOPP, 2012, KARNOPP; PEREIRA, 2012). Nas palavras de Karnopp (2012, p. 154),

[p]ráticas de leitura e escrita são relatadas como sendo atividades realizadas minimamente, já que os professores julgam que seus alunos têm extrema dificuldade de ler e escrever. Sendo assim, a estratégia utilizada na escola é a da “evitação”, ou seja, evita-se atividades que envolvam a leitura e a escrita, pressupondo que “os alunos não gostam” (KARNOPP, 2012, p. 154).

Assim, o ensino de língua portuguesa para surdos deve ser ministrado em língua de sinais, longe da idéia de dificuldade, atendendo as especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda e o papel dessas línguas envolvidas no contexto social em que os surdos estão inseridos (KARNOPP, 2012, KARNOPP; PEREIRA, 2012, LACERDA; LODI, 2009). Segundo Lacerda e Lodi (2009), é necessária a construído um espaço em que os estudantes surdos possam “falar” e pensar em libras, relacionar com seus pares, sem a necessidade de intermediação do intérprete e compreender a língua portuguesa a partir de discussões com pares que apresentam as mesmas dúvidas e dificuldades, “definindo-se e constituindo-se na relação estabelecida com outros sujeitos iguais em sua diversidade” (LACERDA; LODI, 2009, p. 148). As autoras mencionam também sobre a importancia de professores surdos de língua portuguesa.

### **3 Organização do curso na perspectiva surda**

O Instituto Federal de Ciencia e Tecnologia do Tocantins (IFTO), Câmpus de Araguaína, ofertou pelo programa pronatec, no primeiro semestre de 2014, o curso *Língua portuguesa e cultura brasileira para surdos*, um curso direcionado especificamente para o público surdo. Esta iniciativa é considerada uma conquista da comunidade surda tocantinense, que nos últimos 3 anos tem se articulado para maior visibilidade da língua de sinais e sua forma de significar o mundo, longe da idéia de deficiência. Os resultados aqui apresentados são oriundos de reflexões do autor deste trabalho que participou da implementação do curso.

Líderes da comunidade surda foram convidados a participar da organização das atividades, na tentativa de promover o curso na perspectiva surda, já que esta é uma proposta voltada para os surdos. Assim, a equipe de planejamento contou com uma participante surda na elaboração do plano pedagógico, perfil dos professores, distribuição da carga horária, duração do curso e outras discussões.

O conteúdo programático no Plano Pedagógico do Curso, em anexo, contempla aspectos sobre língua de sinais, identidade e cultura surda. A proposta é fazer com que o surdo se conheça para, então, conhecer o outro; refletir sobre a libras e após, o português. Significar a perspectiva surda e conhecer outros pontos de vista. Alguns professores utilizaram como insumo textos que contemplavam aspectos sobre língua de sinais, o surdo, empoderamento da comunidade surda, a importancia do intérprete de libras e outros. Textos em libras (vídeos) também foram utilizados como insumo.

De acordo com Casal (1999), todos possuímos experiências e conhecimentos prévios. E ao aprendermos uma língua/ cultura, submetemo-nos a um processo de decodificação, negociação com a outra cultura, que implica em estabelecer comparações entre o similar e o distinto. No processo de aprendizagem cultural, o indivíduo, ao experimentar a compreensão de outras formas de agir, de perceber e de se posicionar, passa a compreender melhor a si mesmo e sua cultura de origem.

Quatro professores fizeram parte da equipe, sendo um surdo, usuário da libras e com relação de segunda língua com o português, o que proporcionou um conforto linguístico-cultural para os alunos. Apenas um dos professores fez uso de intérprete de libras, de forma que a libras foi língua de instrução na maioria das situações. Agora, os surdos eram produtores de conhecimento. Os alunos surdos puderam ver sua língua como veículo de instrução, de produção de saberes. Tudo diretamente realizado em libras. Experiência nova para a maioria dos alunos surdos envolvidos que, pela primeira vez, vivenciavam sua língua em posição de prestígio.

A presença de professor surdo e professores bilíngues proporcionou uma interação direta entre professor-aluno, sem mediação. Não mais barreiras de comunicação. Importante ressaltarmos que a maioria dos alunos estão/ estiveram inseridos em classes inclusiva durante sua vida escolar, sem a presença de intérpretes.

A turma composta apenas de alunos surdos permitiu também a interação entre os pares, todos com a mesma relação de segunda língua com o português. Assim, não havia a noção de dificuldade, pois não houve hierarquização com a produção escrita do ouvinte. Durante o decorrer das aulas, constantemente os alunos citavam como fator positivo a possibilidade de tirarem dúvidas com os colegas surdos e professores, sem receio de estarem errados. Interessante observarmos também que no decorrer das aulas, os alunos exigiam um português pesado, para que os professores não atenuassem conteúdo pelo fato de serem surdos.

Acreditamos que o curso foi organizado a proporcionar um ambiente de conforto linguístico/cultural para os alunos surdos participante, prestigiando a libras e a maneira surda de se expressar em português escrito. As aulas aconteceram de segunda a sexta, de 18:30h às 22:30h, durante dois meses. Não houve evasão. Alguns alunos chegavam antes do início das aulas e permaneciam na instituição após o termino das atividades. Por esse motivo, a coordenação do curso solicitou aos professores que finalizassem as aulas um pouco mais cedo, para permitir essa interação de forma a não inviabilizar também o retorno dos alunos para suas respectivas residências, visto que havia menores de idade.

## Conclusão

Ser surdo viver a partir de sua diferença, estabelecendo suas relações sociais, longe do paradigma da deficiência. Esse posicionamento envolve também a emergência de uma pedagogia surda, inclusive no ensino e aprendizado de língua portuguesa. Os surdos possuem uma relação de segunda língua com o português e não uma relação de dificuldade, o que demanda uma série de especificidades que precisam ser consideradas no processo de ensino e aprendizagem dessa língua.

A presença de professor surdo, a libras como língua de instrução, turma composta de alunos surdos, interação direta entre alunos e alunos-professores, conteúdo programático que contemplam aspectos da cultura surda, consideração da relação de segunda língua que os surdos tem com o português (e não de dificuldade), valorização da forma surda de se expressar em português (sem hierarquizar com a escrita ouvinte) são fatores que acreditamos ter proporcionado uma perspectiva surda no andamento das atividades.

Na perspectiva surda, imerso na cultura surda, não há compensações para o surdo. Há respeito às diferenças. O direito de ser surdo perpassa pelo direito de ser pleno em significar o mundo, na sua diferença.

## Referências Bibliográficas

CARNEIRO, B. G.; NUNES, E. F. Emergência e legitimação de uma norma surda do português escrito. 2014. (Em elaboração).

CASAL, I. I. Comunicación intercultural y enseñanza de lenguas extranjeras: hacia la superación del etnocentrismo. **Boletín de la Asociación para la enseñanza del español como lengua extranjera**, n. 21, nov. 1999, p. 13-23.

KARNOPP, L. B; PEREIRA, M. C. C. Concepções de leitura e de escrita na educação de surdos. In: LODI, A. C. B.; MÉLO, A. D. B.; FERNANDES, E. (Orgs) Letramento, Bilinguismo e educação de surdos. Porto Alegre: Editora Mediação, 1º edição. 2012. p. 125-134.

KARNOPP, L. B. Práticas de leitura e escrita entre os surdos. In: LODI, A. C. B.; MÉLO, A. D. B.; FERNANDES, E. (Orgs) Letramento, Bilinguismo e educação de surdos. Porto Alegre: Editora Mediação, 1º edição. 2012. p. 153-172.

LACERDA, C. B. F.; LODI, A. C.. Ensino-aprendizagem do português como segunda língua: um desafio a ser enfrentado. In: LODI, A. C.; LACERDA, C. B. F. (Org.) **Uma escola duas línguas**. Letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Editora Mediação, 1º edição. 2009. p. 143-159.

PERLIN, G.; REIS, F. Identidades surdas: o identificar do surdo na sociedade contemporânea. In: PERLIN, G. STUMPF, M. (Org.). **Um olhar sobre nós surdos**. Leituras contemporâneas. Curitiba: Editora CRV, 1º edição. 2012. p. 21-28.

PERLIN, G. Apresentação. In: REZENTE, Patrícia Luiza Ferreira. **Implante coclear: normalização e resistência surda**. Curitiba: Editora CRV. 2012. p. v.

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 3. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005. p. 51-74.

RIBEIRO, Maria Clara Marciel de Araújo. A língua portuguesa produzida por surdos: indícios de variação linguística. Uberlândia: EDUFU. 2012. Anais do SIELP, v. 2, n.1.

SILVA, S. G. L. **Ensino de língua portuguesa para surdos: das políticas às práticas pedagógicas**. 2008. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

## Anexo

### Plano pedagógico do curso Língua portuguesa e cultura brasileira para surdos

#### **Língua Cultura e Identidade surda**

Bilinguismo, biculturalismo e a comunidade surda. Relações interculturais. Manifestações culturais da comunidade surda no Brasil e no mundo. Escrita de sinais. Literatura surda. Liderança surda e empoderamento. Relações de saber e poder entre surdos e ouvintes. Importância da língua de sinais na constituição do sujeito surdo. Importância do português para o surdo brasileiro. Legislação e acessibilidade de comunicação em relação ao surdo. História da educação de surdos. Leitura e produção de texto em língua portuguesa. Prática de escrita e reescrita em língua portuguesa. Leitura, interpretação e produção de textos.

#### **Língua, cultura e identidade brasileira**

Marcos importantes na história do Brasil e a formação do povo brasileiro. Comunidades minoritárias no Brasil. Brasil e o multilinguismo. Políticas públicas para comunidades minoritárias. Etnocentrismo e a língua portuguesa no Brasil. História do povo surdo brasileiro. Os surdos na atualidade. Prática de escrita e reescrita em língua portuguesa. Leitura, interpretação e produção de textos.

#### **Aspectos lexicais e gramaticais da língua português I**

Pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos no português e contraste com a Libras. Cumprimentos, dados pessoais e apresentação em português. Verbo de ligação na língua portuguesa: conceito, usos, comparação com a Libras. Sistema de flexão nominal em português. Aspectos lexicais relacionados à língua portuguesa. Pontuação em língua portuguesa. Prática de escrita e reescrita em língua portuguesa. Leitura, interpretação e produção de textos. Importância e finalidades do uso correto da Língua Portuguesa na vida cotidiana e profissional.

#### **Aspectos lexicais e gramaticais da língua português II**

Sintaxe da língua portuguesa, em oposição à sintaxe espacial das línguas de sinais. Coesão e coerência. Aspectos lexicais relacionados à língua portuguesa. Sistema de flexão verbal em português. Polissemia. Prática de escrita e reescrita em língua portuguesa. Leitura, interpretação e produção de textos. Importância e finalidades do uso correto da Língua Portuguesa na vida cotidiana e profissional.